

muitos aspectos conceituais se transformam, num movimento que, se não é simultâneo, é, pelo menos, espiral. Parece-nos chegado o momento para abordar outro tema caro à linguística: as noções de sincronia e diacronia, que possivelmente estão articuladas com as noções de forma e substância.

CAPÍTULO 4 - SINCRONIA E DIACRONIA

As formulações saussurianas são, por um lado, tão naturalizadas, como se elas sempre estivessem aí, e, por outro, tão glorificadas, que aquele que, de fato, não é um leitor das suas produções corre o risco de confortar o seu desconhecimento em uma dessas armadilhas que o juízo de valor nos prepara na linguística e em tantos outros espaços de conhecimento. Essa armadilha é ainda mais perigosa no caso de uma das chamadas dicotomias saussurianas, a sincronia e a diacronia, justamente porque cada um desses dois princípios, numa certa recepção da obra do genebrino, acabou por resumir em si uma posição epistemológica que o termo “dicotomia” acaba por colocar não só como oposto, mas, no caso da epistemologia linguística, como rival. Na verdade, uma leitura do próprio CLG pode mostrar que essa oposição excludente não é um caminho que favorece uma boa reflexão sobre a produção de Saussure.³⁴

No início da segunda metade do século XX, as edições críticas do CLG já começaram a nos fornecer informações sobre as formulações de Saussure, especialmente sobre a diacronia e a sincronia. Tullio de Mauro (1986b [1967]), na nota 170 de sua célebre edição crítica do CLG³⁵, retoma o trabalho de Robert Godel (1957) para nos trazer

34 Para um aprofundamento dessa questão, ver Giembinsky (2019).

35 Essa nota visa trazer informações acerca de um parágrafo do capítulo III da primeira parte do CLG, “A linguística estática e a linguística evolutiva”. Mais especificamente, esse é o último parágrafo da p. 96 na edição brasileira de 1973, da editora Cultrix.

a informação de que a diacronia é o único neologismo criado por Saussure:

Dans ce couple de termes [synchronique/diachronique], dont la fortune après Saussure fut immense, seul le second, diachronique, est inventé par Saussure: on le lit pour la première fois dans un cahier (S. M. 48 n. 12) dans lequel apparaît aussi sémiologie: le cahier semble postérieur à 1894 (S. M. 47, n. 26) (DE MAURO, 1986b [1967], p. 451).

Um manuscrito de 1894 é apontado como o primeiro lugar em que aparece o termo “diacronia”. Porém, De Mauro, sabedor que é da grande quantidade de material produzido por Saussure, resguarda-se da veracidade da informação. De fato, o EDL, manuscrito com o qual trabalhamos aqui, apesar de provavelmente ter sido escrito em 1891, já traz o termo. É preciso observar que esse manuscrito só veio a público em 1996, quase meio século depois da afirmação de De Mauro. Além disso, a experiência com as diversas notas de Saussure comprova que é raro encontrar o termo “diacronia” em outro dos seus manuscritos. A observação do linguista italiano, portanto, é irrepreensível.

Assim, escolhemos uma posição diferente daquela frequente entre os leitores dessa formulação saussuriana que veem uma dicotomia excludente e antagonizam aqueles que optam por uma ou por outra das possibilidades de compreender a língua e, conseqüentemente, de empreender um trabalho sobre ela e com ela. Optamos apenas por acompanhar a aventura saussuriana pelo EDL, no que diz respeito a esses conceitos, diacronia e sincronia, que são cruciais no cabedal teórico desenvolvido pelo genebrino.

Não é demais recordar a carta que Saussure envia à Meillet em 1894, na qual se propõe a suspender o prazer histórico e a se dedicar ao que mais tarde Benveniste (1991) chamou, muito adequadamente,

de fundamentos.

Esse prazer histórico – enunciado por Saussure e totalmente alinhado, portanto, com a potência Eros – seria abandonado em favor da necessidade, alinhada com a potência Ananche. Essas potências, lembremos, estão entre as que presidem ao nascimento do homem e são aquelas às quais a existência humana deve pagar seu tributo sem procurar evitá-las ou enganá-las, segundo Agamben (2018).

Entretanto, embora Saussure tenha anunciado, na carta de 1894, a suspensão do prazer histórico para resolver as necessidades da área de estudos da linguagem e depois retornar a esse prazer, é preciso reconhecer que

o que se anuncia nesse momento é a suspensão de algo que lhe dá prazer intelectual para que, depois de Saussure se dedicar ao que é necessário, ele possa retornar ao que lhe dá prazer. Lemos (1995, p. 43), a respeito dessa mesma carta, nos disse da impossibilidade desse retorno (SILVEIRA, 2014, p. 27).

Lembremos que a data do EDL é presumida em 1891, mas os estudiosos de Saussure levantam ressalvas em relação à datação dos manuscritos desse ano. Às centenas de folha do EDL, ainda seriam acrescentadas outras centenas de manuscritos sobre o lituano e também as dezenas de folhas das três conferências, entre outros manuscritos menores, cuja datação, certificada ou presumida, coincide.

Uma hipótese plausível é que o EDL tenha começado a ser escrito em 1891 e que, pelo que indicam as rasuras, em alguns casos com cores de canetas diferentes, ele tenha sido relido, alterado e completado nos anos seguintes. Assim, a exasperação de Saussure na carta à Meillet, no início de 1894, pode ter alguma relação com a experiência do linguista ao escrever o EDL. De fato, a escrita “necessária” já estava em curso. Em contrapartida, se o EDL atesta esse

afastamento do prazer histórico, ele parece também não se reduzir ao cumprimento de uma tarefa. Acompanhando essa questão da sincronia e da diacronia no manuscrito de Saussure, procuraremos refletir sobre a potência que preside a esse empreendimento.

Vale ressaltar que temos indícios suficientes para afirmar que Saussure, no EDL, se via confrontado com uma cisão entre os estudos históricos em curso no século XIX e uma reformulação necessária para a área. Se essa cisão, que agora podemos nomear de sincronia e diacronia, não aparece explicitamente, podemos sentir o movimento nessa direção a partir do que ele começara, nesse manuscrito, a chamar de *ponto de vista*³⁶.

Depois de algumas páginas explicitando as distinções entre forma e substância, ele começa a girar em torno da dualidade da linguagem a partir de várias possibilidades. Por fim, ele sinaliza uma

Figura 31 - Reprodução da folha 12 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch. De Saussure 372

Il faut dire: primordiallement il
 existe des points de vue; ~~il n'existe pas~~ ^{il n'existe} et
 il est ^{simple} impossible de ~~fixer~~ ^{saisir} un fait de langage
~~avant d'avoir fixé les~~

Fonte: Saussure (1891a, p. 12)

É preciso dizer: primordialmente
 existem pontos de vista; não há ^{senão} e
 é ^{simplesmente} impossível ~~fixar~~ ^{delimitar} um fato de linguagem
~~diante de poder fixá-los.~~

36 Um trabalho aprofundado sobre a questão do ponto de vista na produção de Saussure em geral e também no EDL em particular (cf. item 3.3 da segunda parte) encontra-se em Marques (2021).

Vejam que Saussure atrela a delimitação de um fato de linguagem que, em última análise, está no cerne do próprio objeto da linguística enquanto ciência, a “pontos de vista”. Marques (2021), ao analisar o EDL e outros documentos de Saussure destaca que

É nesse sentido, então, que, para Saussure, é preciso, de uma vez por todas, substituir a discussão dos fatos pela discussão dos pontos de vista, uma vez que, segundo ele, não há o menor traço de fato linguístico ou sequer a menor possibilidade de perceber ou de determinar um fato linguístico fora da adoção anterior de um ponto de vista (MARQUES, 2021, p. 138).

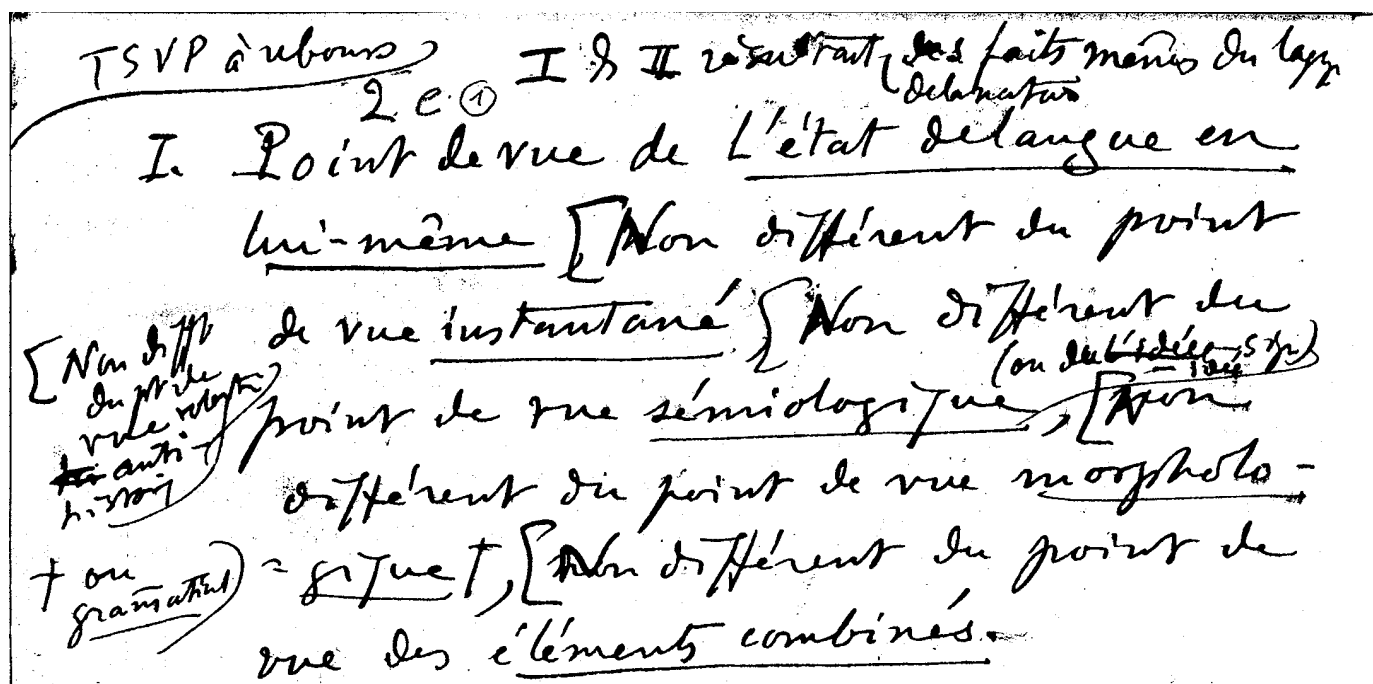
A discussão sobre o ponto de vista na linguística, especialmente a saussuriana, é bastante controversa. Se, por um lado, ela está no cerne da delimitação do objeto dessa ciência– afinal, para Saussure, no CLG, o ponto de vista constitui o objeto –, por outro lado, o caráter estritamente científico da linguística moderna pode ter inibido essa discussão, já que ponto de vista está na contramão da especificidade científica. Não nos deteremos nesse tema e sim na distinção entre sincronia e diacronia, que nos parece, nesse manuscrito, estar em estado germinal em relação ao que temos no CLG, publicado mais de duas décadas depois da escrita do EDL, no qual acompanhamos a jornada saussuriana.

Os fragmentos que se seguem são de duas folhas do manuscrito nas quais, depois de colocar em questão “o dualismo profundo que divide a linguagem” e se perguntar muitas vezes que tipos de fatos caracterizam os elementos da linguagem (físico, psíquico, mental ou subjetivo), ele se propõe a destacar os pontos de vista que resultam da natureza dos próprios fatos de linguagem.

Veamos a tentativa reiterada de Saussure, nesse manuscrito, de distinguir as perspectivas possíveis para o estudo da linguagem,

que vão além do entendimento histórico-comparativo, dominante no século XIX e que estão em consonância com o que ele vem elaborando até aqui sobre o objeto da linguística, como vimos nos capítulos anteriores sobre o signo linguístico, a forma e a substância:

Figura 32 - Reprodução da folha 18 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch. De Saussure 372



Fonte: Saussure (1891a, p. 18)

Vire a página por favor para trás
linguagem

I & II resultam da natureza dos próprios fatos de

2e

I. Ponto de vista do estado de língua em

si mesma [Não diferem do ponto

Não diferem de vista instantâneo [Não diferem do

do ponto de ponto de vista semiológico, [Não

vista da vontade diferem do ponto vista morfoló-

xxxanti-

histórico

+ ou

gramatical

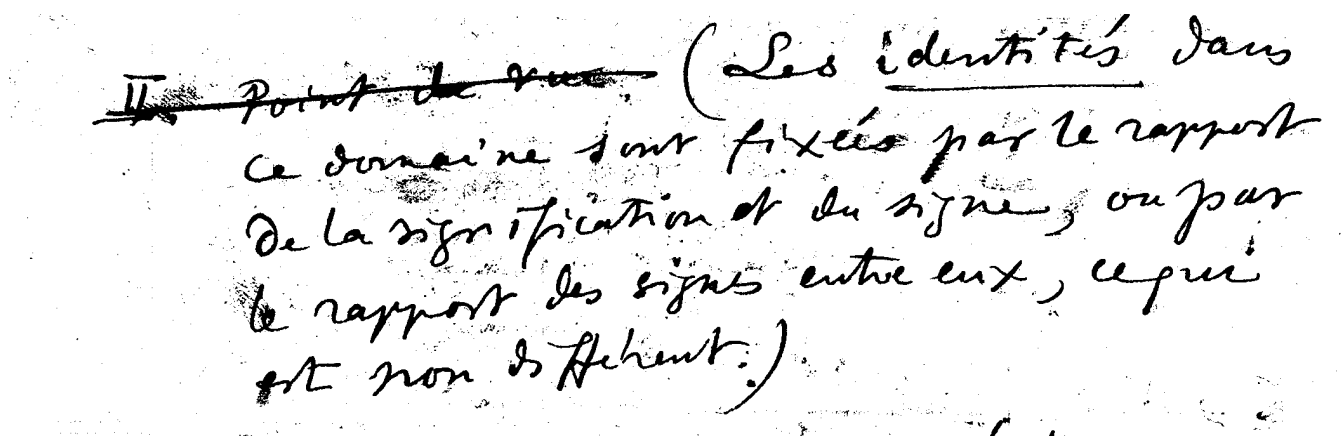
gico, [Não diferem do ponto de
vista dos elementos combinados.

Nesse fragmento, percebe-se que ele iniciou a escrita = numerando o primeiro ponto de vista, que é “o estado da língua nela mesma”. O que vem escrito acima foi acrescentado depois da sequência de outros pontos de vista, elencados pelo autor. Retomaremos essa questão mais tarde.

O importante, agora, é observar que ele destaca como o primeiro ponto de vista – o “da língua nela mesma” – é equiparado a outros cinco pontos de vista: o instantâneo, o semiológico, o morfológico e o dos elementos combinados; num inciso, à margem da folha, Saussure ainda acrescenta o ponto de vista da vontade anti-histórica e também associa o ponto de vista morfológico ao gramatical.

Está presente a retomada dos diversos estudos do seu tempo, seja os da gramática comparada cujo foco era a morfologia das línguas, ou os da neogramática, cujo foco era a fonética das línguas. Todos se ocupavam, como se sabe, com as mudanças linguísticas, mas, nesse caso, esse é um ponto de vista anti-histórico e com uma amplitude maior, já que se trata da semiologia. O foco é a combinação dos elementos que definirá, como se vê no fragmento a seguir, as identidades linguísticas. Observe-se:

Figura 33 - Reprodução da folha 18 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch. de Saussure 37



Fonte: Saussure (1891a, p. 18)

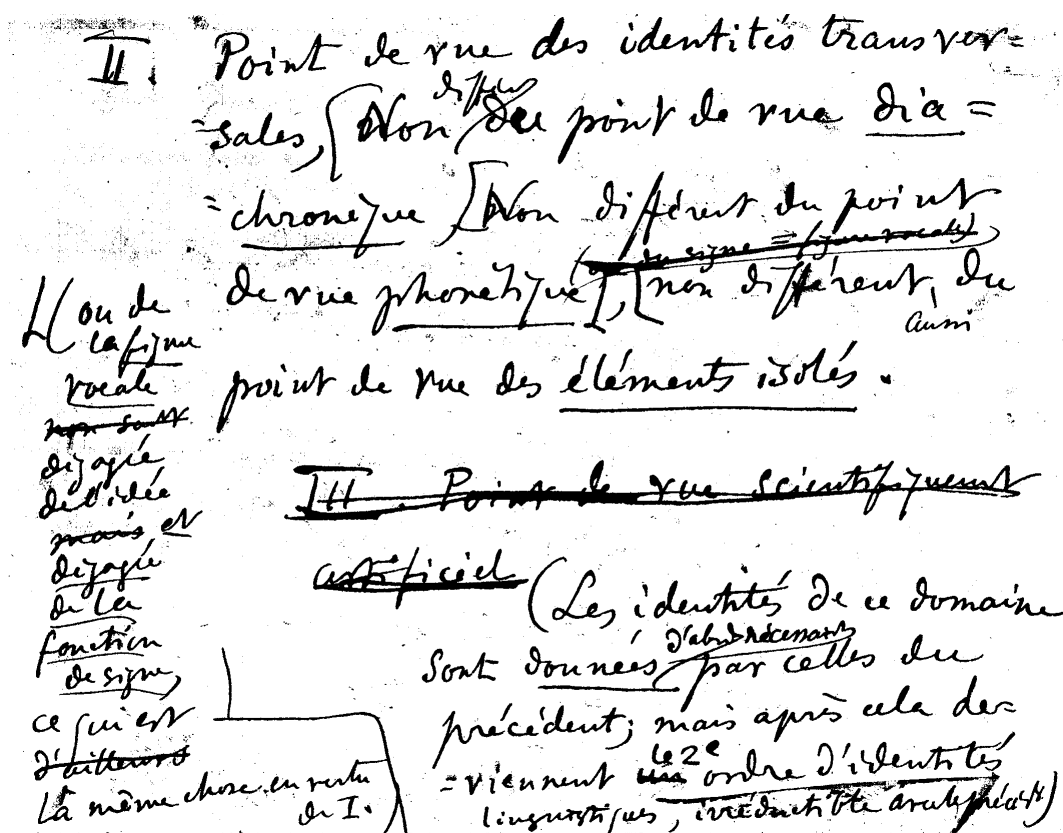
H. Ponto de vista (As identidades nesse

domínio são fixadas pela relação da significação e do signo, ou pela relação dos signos entre eles, o que não é diferente.)

Saussure rasura o título e, então, resolve esclarecer, entre parênteses, a que se refere quando ele fala dos elementos combinados. Entra em ação, aí, um termo que ainda não fora usado nesse manuscrito, que é “relação”. Ele aparece duas vezes nesse fragmento com o objetivo de explicar que é a relação que fixa a identidade nesse domínio, seja pela relação entre a significação e o sign(ificante) ou pela relação dos sign(ificante) entre eles.

Em seguida, ele parte para um segundo ponto de vista:

Figura 34 - Reprodução da folha 18 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch. de Saussure 372



(ou da
figura
vocal
xxxx
separada
da ideia
da
função
do signo,
que é
xxxx
a mesma coisa em virtude
de I.)

II. Ponto de vista das identidades transver-
sais, [No ^{diferem} do ponto de vista dia-
crônico [Não diferem do ponto
de vista fonético, (xxdo signo = figura vocal) [não
diferem, ^{também} do
ponto de vista dos elementos isolados.

~~III. Ponto de vista cientificamente~~
~~artificial~~
(As identidades desse domínio
são dadas ^{antes de tudo necessariamente} pelas
do
precedente; mas depois disso
elas se tornam ~~uma~~^a~~za~~ ordem das
identidades
linguísticas, irredutíveis as
precedentes)

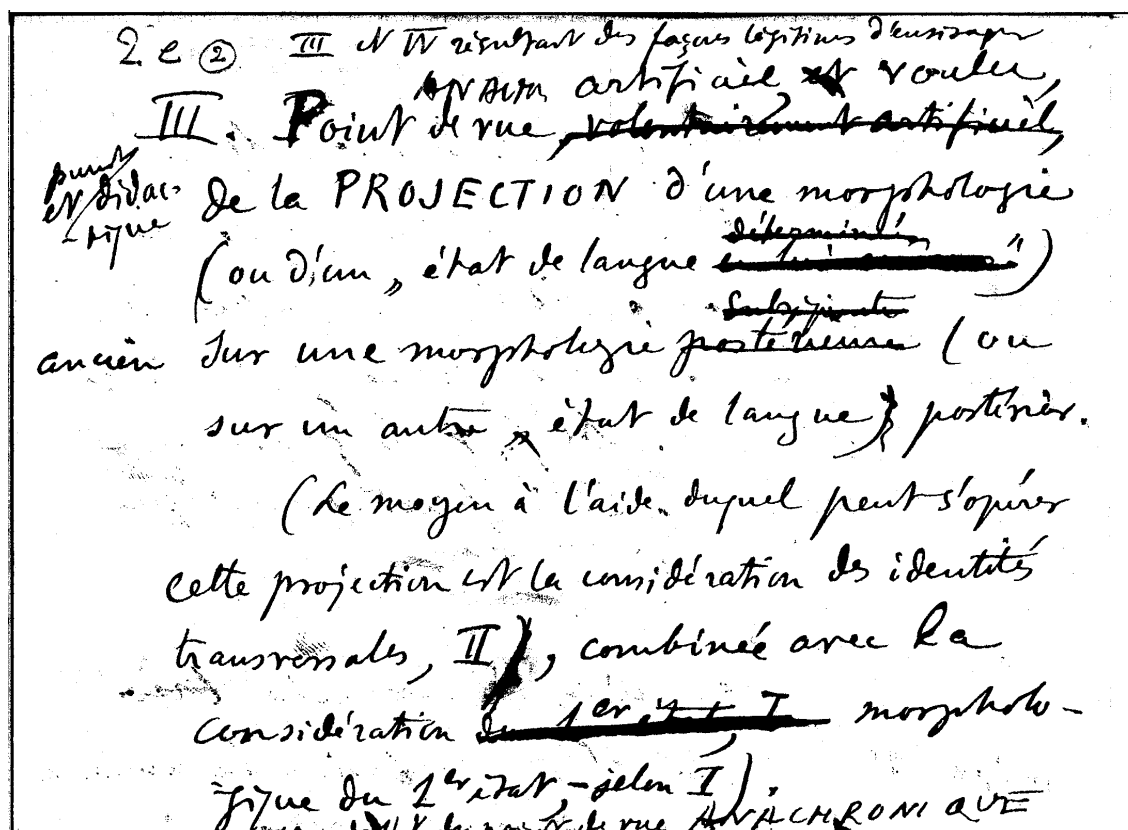
Aqui, Saussure retoma o que os seus contemporâneos já desenvolvem – a linguística histórica! Mas não é assim que o genebrino nomeia o segundo ponto de vista: ele se chama “ponto de vista identidades transversais” e é o mesmo que o diacrônico e que o fonético (estritamente da figura vocal). Por fim, o linguista demonstra que o segundo ponto de vista se diferencia do primeiro porque ele tem foco nos elementos isolados.

Não nos é indiferente a sua jornada para definir a “figura vocal”. Embora ela tenha papel secundário na elaboração dos pontos de vista, que se assenta fundamentalmente na oposição entre o estático

e o histórico, não condiz com a maneira como Saussure gostaria de nomear e apresentar esse fato de linguagem. Essa questão já foi tema dos capítulos anteriores, mas é preciso notar o quanto as elaborações de Saussure sobre determinados temas da linguística não são estanques.

Na folha seguinte, Saussure se ocupa do terceiro e de um quarto ponto de vista. Novamente, acima do que ele enumera como o terceiro ponto de vista, há uma inserção que recuperaremos mais tarde, em conjunto com o acréscimo no topo da folha anterior. Observemos agora o que ele quer dizer com o ponto de vista anacrônico:

Figura 35 - Reprodução da folha 19 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch. de Saussure 372



Fonte: Saussure (1891a, p. 19)

III e IV resultam das maneiras legítimas de considerar

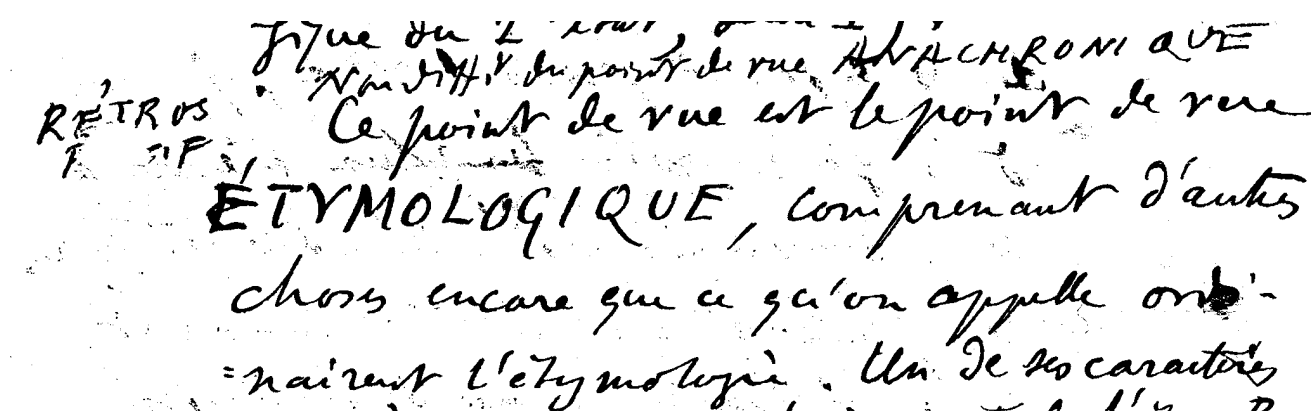
III. Ponto de vista, ANACRÔNICO artificial, e intencional intencionalmente artificial,

e puramente didático da PROJEÇÃO de uma morfologia
 (ou de um, estado de língua ~~xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx~~)
 antiga sobre uma morfologia subsequente posterior (ou
 sobre um outro estado de língua) posterior.
 (O meio com a ajuda do qual pode-se operar
 esta projeção é a consideração das identidades
 transversais, II, combinadas com a
 consideração do 1º estado morfoló-
 gico do 1º estado - conforme I).

A anacronia se refere à instância em que a ordem cronológica de determinado acontecimento é desprezada. Saussure classifica esse ponto de vista de artificial, intencional e puramente didático e o associa mais diretamente ao ponto de vista das identidades transversais. Em suma, trata-se da projeção intencional de uma morfologia com fins didáticos. Vê-se, novamente, a retomada de uma forma de abordar a linguagem própria ao seu tempo, mas aqui a colocando, inteiramente, como apenas um ponto de vista entre outros.

A seguir, com o objetivo de melhor esclarecer esse ponto de vista, ele o associa a uma perspectiva de estudos da linguagem própria ao seu tempo:

Figura 36 - Reprodução da folha 19 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch. de Saussure 372



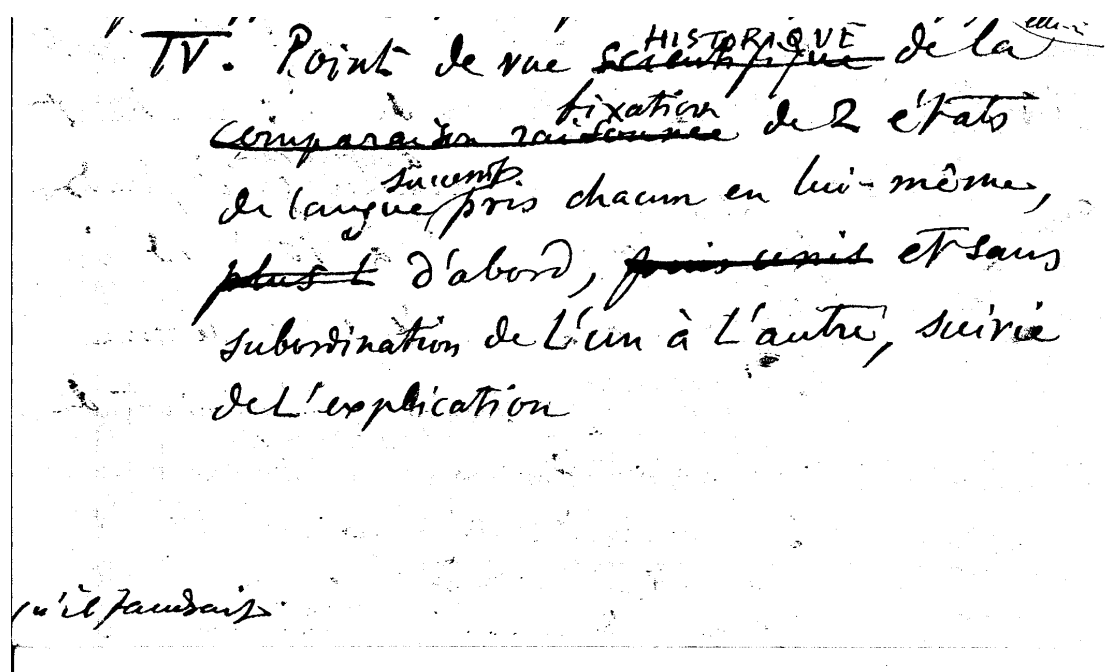
Fonte: Saussure (1891a, p. 19)

Não diferindo do ponto de vista ANACRÔNICO ^{RETROSPECTIVO}
 Este ponto de vista é o ponto de vista ETIMOLÓGICO, compreendendo
 outras coisas ainda que se chama comu-
 mente de etimologia. Uma de suas características
 por relação ao IV é não levar em conta a época B em ^{si mesma}

Assim, o ponto de vista anacrônico, artificial e pedagógico é o etimológico. Ao que tudo indica, essa maneira de incorporar esse ponto de vista a sua escrita, nesse ponto específico, tem a finalidade de abrir caminho para outros pontos de vista, talvez por contraposição.

Ao apresentar o último ponto de vista, ele oscila em sua nomeação:

Figura 37 - Reprodução da folha 19 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch. de Saussure 372



Fonte: Saussure (1891a, p. 19)

IV. Ponto de vista científico ^{HISTÓRICO} da

~~comparação racional~~^{fixação} de 2 estados
de língua^{sucessivos} preso cada qual em si mesmo,
~~mais x~~ de início, ~~presos~~ e sem subordinação de um ao outro, seguida
da explicação

que é necessária

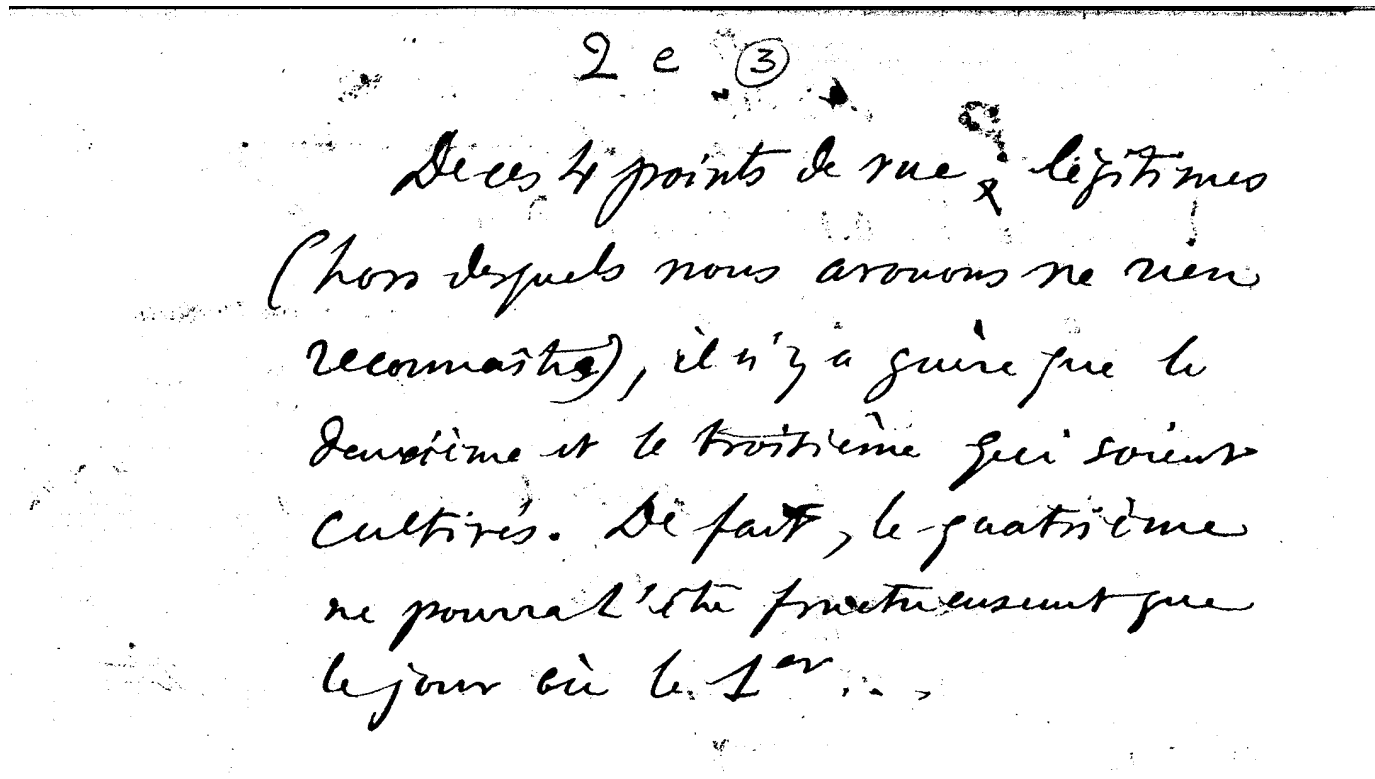
Primeiro, ele escreve “IV. Ponto de vista científico da comparação racional de 2 estados de línguas cada qual em si mesmo”. As rasuras e incisos mostram que ele repensou. A reelaboração fica: “IV. Ponto de vista HISTÓRICO da fixação de 2 estados de língua sucessivos cada qual em si mesmo”.

Basicamente, ele repensa o ponto de vista que considera dois estados de língua em si mesmo e muda a nomeação desse estudo de científico para histórico. Um estudioso da fortuna saussuriana sabe que a sua formação no século XIX, junto com seus contemporâneos, passa pelo deslocamento que a área de estudos da linguagem sofre ao reconsiderar a filiação dos estudos da linguagem inicialmente a um modelo da biologia fortemente influenciado por Darwin para um modelo de comparação histórica. Assim, se, no primeiro, o objetivo era chegar à origem da linguagem, no segundo, a intenção era descobrir as leis que regem as mudanças linguísticas. Na verdade, em 1891, quando Saussure escreve o EDL, essa passagem ainda está em curso, mas é esperado do linguista que ele sequer se refira à perspectiva darwinista da linguagem e classifique a abordagem histórica como científica. Entretanto, Saussure rasura essa última classificação, certamente porque ele coloca questões sobre essa perspectiva, o que implica outro modelo de ponto de vista científico que não o histórico.

Em seguida, ele se pronuncia sobre esses quatro pontos de vista

em um fragmento que resta inacabado, marcado por reticências, mas sem nenhuma rasura:

Figura 38 - Reprodução da folha 19 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch. de Saussure 372



Fonte: Saussure (1891a, p. 19)

Desses 4 pontos de vista legítimos
 (além daqueles que nós admitimos nada
 reconhecer), há apenas o
 segundo e o terceiro que são
 cultivados. De fato, o quarto
 poderia sê-lo proveitosamente
 no dia em que o 1º. ...

Relembremos que o primeiro ponto de vista é o do estado da língua nele mesmo e o segundo é o ponto de vista das identidades transversais, que não difere do diacrônico. Os dois resultam da natureza dos próprios fatos da linguagem. O terceiro ponto de vista

é o anacrônico e, por último, há o quarto, o histórico, que Saussure classifica como científico. Entretanto, ao rasurar, ele indica que não estava certo disso e observa, então, que o seu proveito estaria na dependência do primeiro ponto de vista. No entanto, ele se interrompe e não menciona qual a condição específica para que isso aconteça.

Retomemos, agora, os acréscimos que citamos anteriormente, que se localizam no topo de cada folha. Eles trazem uma observação bastante importante no que diz respeito ao campo e ao objeto de estudos da linguagem distribuídos entre esses quatro pontos de vista. Segundo Saussure, os pontos de vista I e II (do estado da língua e das identidades transversais) “resultam dos próprios fatos de linguagem” e os pontos de vista III e IV (anacrônico e histórico) “resultam de uma maneira legítima de considerar”. Evidentemente, a ausência de complemento no verbo transitivo direto sugere uma suspensão do sentido nessa última observação; apesar de ser muito tentador completar, por ele, com “o objeto de estudos da linguagem”, não o faremos porque foge à nossa ética de leitura do manuscrito. Do que ele escreve de fato podemos apenas concluir que esses dois pontos de vista não são ilegítimos, mas também não resultam dos próprios fatos de linguagem. Somente o ponto de vista do estado da língua, que, depois do CLG, é conhecido como sincrônico, e o das identidades transversais, que, nesse manuscrito, ele já associa com o diacrônico, estão no escopo do objeto de estudos da linguagem. Os outros dois, embora sejam considerações legítimas, não pertencem a esse escopo. É o que se pode depreender dos fragmentos do manuscrito que trouxemos até aqui.

Se Saussure começa por desdobrar o objeto da linguística entre esses pontos de vista, por fim ele admite, logo a seguir nesse manuscrito, que esses quatro pontos de vista – legítimos e aos quais tudo, teoricamente, precisa ser reduzido – “repousam sobre dois

pontos de vista necessários”, difíceis de serem estabelecidos e cuja terminologia ainda não foi estabelecida. De fato, o ponto de vista diacrônico não tinha sido nomeado exclusivamente assim por ele, e a terminologia relativa à sincronia não foi usada nesse manuscrito.

A discussão sobre o ponto de vista segue no manuscrito. Algumas páginas adiante, no entanto, ela se interrompe. Imediatamente, Saussure trata, com todas as letras, do que hoje conhecemos como a teoria do valor e sem a qual seria impossível conceber a sincronia e lhe atribuir o *status* que o CLG imortalizou.³⁷ Esse fragmento aparece depois de outro bem semelhante, mas menos elaborado e que foi totalmente rasurado; aqui observamos que ele chegou a um ponto de muita clareza e as afirmações são categóricas.

Logo adiante, ele retorna à questão do ponto de vista, mas agora a nomeia de “mecanismo” e traz uma elaboração mais próxima do que aparece no CLG como sincronia:

Figura 39 - Reprodução da folha 76 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch. de Saussure 372

partant Le mécanisme de la langue — prise
à un moment donné, c'est la seule
manière d'en étudier le mécanisme — sera
un jour, nous en sommes persuadé,
réduit à des formules ~~simples~~ relatives

Fonte: Saussure (1891a, p. 76)

37 Ver a Figuras 21 a 26 e suas transcrições no capítulo anterior.

Figura 40 - Reprodução da folha 77 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch. de Saussure 372

enajuns
 Simple. Pour le moment, ~~tenter~~
~~d'étudier~~ ou ne saurait même songer
 à établir ces formules; ~~Si nous~~
~~sommes forcés~~, pour fixer les idées,
~~L'en risquer quelques-unes, et de~~
 D'esquisser à grands traits ce que nous
 nous représentons sous le nom d'une
Sémiologie, c.à.d. d'un système
 de signes totalement indépendant de ce qui
 l'a préparé / il est certain que nous
 sommes encore ~~tenus~~, malgré nous,
~~de signaler~~ de d'opposer sans cesse
 cette sémiologie à la sempiternelle
 étymologie; que cette distinction quand on
 arrive au détail, est ~~très~~ délicate
 qu'elle absorbe à elle seule ~~une~~ ^{une} l'attention,
même très souvent et qu'elle ~~sera~~ ^{sera} même probablement
traitée ~~sur~~ de distinction subtile dans
 mille cas, prévus ou imprévus; que
 par conséquent le moment n'est pas
 encore ~~venu~~, ^{proche, où on pourra} de ~~supprimer~~ ~~radicalement~~
~~l'étymologie~~, et de ~~entreprendre~~ ^{entreprendre} une
opérer ~~histoire~~ en toute tranquillité hors de toute
 étymologie, sur.

Lettel (u'il
 existe dans
 l'esprit des
 sujets qui
 l'ont

Fonte: Saussure (1891a, p. 77)

O mecanismo da língua - considerado
em todo lugar num momento determinado, o que é a única
maneira de se estudar o mecanismo - será
um dia, nós estamos convencidos,
reduzido a fórmulas simples relativamente
simples. No momento, ~~tentar~~
estabelecer não poderíamos nem mesmo sonhar
em estabelecer essa fórmula x, Se nós
tentamos ~~formas fixadas~~, para fixar as ideias,
~~de arriscar algumas xxxse de~~
esboçar em grandes traços o que nós
nos representamos sob o nome de uma
semiologia, isto é um sistema
de signos totalmente independentes disso que
o preparou ^{e tal como existe no espírito dos sujeitos falantes} é certo que nós
estamos ainda obrigados, apesar de nós,
~~de apontar a~~ de opor sem cessar
esta semiologia à sempiterna
etimologia, que esta distinção quando se
chega ao detalhe, é tão delicado
que absorve só para si a ^{uma} atenção,
mesmo muito persistente ^e que ela ~~chega~~ será provavelmente
considerada ~~xxxx~~ uma distinção sutil em
mil casos, previstos ou imprevistos; que
por consequência o momento não é
ainda ~~chegado~~, ^{próximo, onde se poderá} ~~suprimir radicalmente~~
~~a etimologia~~, e empreender uma
^{operar} ~~teoria~~ com toda tranquilidade fora de toda
etimologia, sobre

Nesse fragmento, encontramos Saussure em um ponto bastante avançado da sua aventura. Ele chega a falar de um sistema de signos que é, de fato, a definição de língua que encontramos no CLG. Propõe o afastamento da etimologia como condição para estudar esse mecanismo num momento dado e vislumbra, assim, a possibilidade de esboçar os traços de uma área que pode ser a semiologia. Nesse

conjunto de manuscritos, contido em um envelope com uma etiqueta na qual se lia “ciência da linguagem”, tanto a linguística quanto a semiologia podiam nomear essa ciência.

Saussure parece ter encontrado outro prazer além do histórico. Ele foi tomado pela ideia do estado de língua em si mesmo, mas não ousou nomeá-la. O nome “sincronia” está ausente desse manuscrito. Além disso, quanto mais a sua elaboração avançava na direção de compreender a existência do sistema cujos valores emanavam da relação entre os termos que o compunham, mais ele estava certo de que, para compreender essas relações, era necessário estudar a língua em um momento dado. Marques (2017) discute a indissociabilidade entre as elaborações:

Isso nos permite afirmar com precisão que, para além da teoria do valor – a qual sistematiza o funcionamento das relações no mecanismo linguístico – a noção de relação é imprescindível para a fundamental distinção estabelecida por Saussure entre sincronia e diacronia (MARQUES, 2017, p. 2043).

Como se pode imaginar, a reflexão de Saussure nesse manuscrito retornou para a concepção de forma, já que a correlação entre os elementos solicitava recuperar essa concepção para, inclusive, aperfeiçoá-la. É nesse sentido que o movimento da escrita do genebrino no EDL nos parece espiralado: ele pode até parecer circular, mas não é. Ele retorna aos conceitos, mas, depois do surgimento de algo novo, que o leva a uma elaboração de questões nas quais já tinha avançado, mas não o suficiente, ele não volta ao mesmo lugar. O movimento em espiral dá voltas em torno de um ponto, mas, em cada uma dessas voltas, ele se afasta progressivamente do ponto de partida.

Assim, mesmo sem a terminologia específica do CLG, as noções

de sincronia e diacronia tiveram um espaço seminal nesse manuscrito e engendraram outra rota na aventura saussuriana.

No CLG, Saussure foi muito mais longe, embora não tenha se afastado da reflexão constante no EDL. Nas aulas que deram origem ao livro, ele retomou, aprofundou e esclareceu muito do que se lê no manuscrito escrito quase duas décadas antes.

A discussão sobre o funcionamento da língua entre a sincronia e a diacronia é tratada com extrema maturidade no CLG, como denuncia o capítulo “Mutabilidade e imutabilidade da língua”. De Mauro faz uma excelente observação sobre esse capítulo, tanto no que se refere à sua recepção quanto à profundidade teórica e, principalmente, em relação ao lugar que a história ocupa para Saussure:

Ce chapitre se trouve dans une des zones les moins lues du C. L. G., coïncé comme il est entre les pages sur l'arbitraire et celles sur la distinction entre synchronie et diachronie qui ont polarisé l'attention des spécialistes, en les hypnotisant. Le sens non conventionnaliste de l'arbitraire saussurien, la profonde conscience de la nécessité historique du signe, la conscience en somme de la radicale historicité des systèmes linguistiques, trouvent dans ces pages peu lues leur manifestation la plus rigoureuse. En lisant ces pages, on a peine à croire que Saussure ait été loué ou plus souvent blâmé comme le créateur d'une linguistique anti-historique et virginale, d'une vision de la langue comme système statique, hors de la vie sociale et de la durée historique. C'est pourtant ce fantôme qu'on a trop souvent combattu au lieu de Saussure (DE MAURO, 1986b [1967], p. 448).

De Mauro é crítico em relação àqueles que ficam hipnotizados com a distinção entre sincronia e diacronia e especialmente com os que elogiam ou acusam Saussure de ter criado uma ciência anti-histórica, considerando a língua como um sistema estático, fora da vida social e da duração histórica. É contra esse fantasma que devemos lutar, ele nos diz. Além disso, ele chama a atenção para o

fato de o termo “história” ser ressignificado por Saussure:

Dans le C. L. G., *histoire* semble souvent s’opposer à *description* et équivaloir donc à *diachronie*. Certaines réserves apparaissent dans C. L. G. 116 sur la possibilité d’utiliser le terme *histoire*, considéré avec raison comme pouvant faire référence aussi bien à une évolution qu’à un état. En effet, Saussure lui-même avait adopté dans la leçon inaugurale de Genève, *histoire* en un sens bien différent (DE MAURO, 1986b [1967], p. 416, grifos do autor).

Como tínhamos visto no EDL, apesar de Saussure avançar na sua elaboração a respeito de um mecanismo linguístico cujo funcionamento sua geração não esclareceu – sendo, portanto, enfático em assinalar que isso se distingue dos pontos de vista a partir dos quais o século XIX erigia os estudos da linguagem –, ainda assim ele não chegou à formulação da linguística sincrônica e diacrônica. Talvez isso tenha ocorrido porque havia muitos outros pontos a serem elaborados sobre outros aspectos relacionados com o objeto de estudos da linguagem. O lugar da história na língua é, certamente, um deles, embora não seja o único, como mostra o capítulo a seguir. Vejamos o que se lê em seu outro manuscrito, da mesma época: *Première conférence à l’Université (cours d’ouverture, nov. 1891)*³⁸

Plus on étudie la langue, plus on arrive à se pénétrer de ce fait que *tout* dans la langue est *histoire*, c’est-à-dire qu’elle est un objet d’analyse historique et non d’analyse abstraite, qu’elle se compose de *faits* et non de *lois*, que tout ce qui semble *organique* dans le langage est en réalité *contingent* et complètement accidentel (ENGLER, 1966, p. 36 *apud* DE MAURO, 1986b [1967], p. 416, grifos do autor).

38 Cf. Silveira (2002).

De Mauro recupera essa passagem do manuscrito de Saussure referindo-se à célebre publicação de Engler³⁹ a partir da qual se vê que a posição do genebrino é bastante diferente do EDL, quando ele postulou a possibilidade de um ponto de vista estático, que supostamente foi escrito no mesmo ano da *Première conférence*. Se, nessa primeira conferência, “tudo na língua é história”, no EDL nem tudo na língua é história porque os “pontos de vista” levaram Saussure a ver além da história e também a diferenciar a história da etimologia e da diacronia.

Contudo, para que Saussure pudesse avançar ainda mais e estabelecer a linguística sincrônica e a linguística diacrônica, ele precisou de mais algumas elaborações. De Mauro interpreta essas duas linguísticas de Saussure como bastante interligadas e afirma que as características formais da sincronia são resultados dos acidentes de diferentes ordens que se produzem no curso do tempo. Assim, a língua como forma é também radicalmente histórica. Ele conclui:

En d'autres termes, si toute cette interprétation est exacte, le C. L. G. aurait dû s'ouvrir par les pages sur l'identité diachronique et synchronique, puis se poursuivre par la reconnaissance du caractère arbitraire du signe et donc du caractère formel de la langue, et enfin se conclure, pour sa première partie, par la distinction méthodologique entre la considération d'un phénomène linguistique en tant qu'il représente une certaine valeur (*langue*) ou en tant que manifestation phonico-acoustique ou psychologique (*parole*) (DE MAURO, 1986b [1967], p. 421, grifos do autor).

Trouxemos essa perspectiva de De Mauro sobre o CLG não somente porque ela subverte a leitura bastante difundida de que

³⁹ É interessante notar que De Mauro assinala a data de 1966 como sendo a da publicação, enquanto Otto Harrassowitz, que publicou a edição crítica do CLG feita por Engler, bem como a transcrição de vários manuscritos de Saussure, indica 1968 como sendo a data da publicação, o que confirma o rumor que De Mauro teve acesso aos manuscritos de Engler antes da sua publicação.

Saussure teria excluído a história da língua ao dar privilégio à linguística sincrônica, mas, sobretudo, porque com De Mauro se percebe o entrelaçamento das elaborações teóricas de Saussure no CLG, que constituem o eixo da sua escrita no EDL. Observe-se que o caráter arbitrário do signo e a distinção entre fala e língua, considerando esta aliada à noção de valor, constituem a possibilidade de estabelecer a identidade sincrônica e a identidade diacrônica no objeto dos estudos da linguagem. O entrelaçamento entre vários conceitos que formam um cabedal teórico capaz de dar sustentação epistemológica aos estudos da linguagem é um traço da elaboração de Saussure que se mantém do manuscrito às aulas que deram origem ao CLG. As suas elaborações sobre sincronia e diacronia mostram que, ao serem tratadas isoladas dos outros conceitos, elas se prestam a toda sorte de equívocos na recepção do CLG.

De fato, o entrelaçamento dos conceitos é perceptível tanto nos manuscritos quanto no CLG, bem como o entrelaçamento de Ananche e Eros nas elaborações de Saussure sobre sincronia e diacronia. Nem sempre é fácil saber quando o prazer histórico cede lugar às necessidades de reformulações da terminologia ou mesmo surpreender o momento em que o que era necessidade passa a ser vivido como prazer. Agamben também nos diz que “a arte de viver consiste também em curvar-se, na justa medida, àquilo que não se pode, em nenhum caso, escapar” (AGAMBEN, 2018, p. 12). Mas, nesse caso, talvez ainda seja um pouco diferente, porque, se Saussure entrou nessa aventura por uma necessidade da área, que ele entendia como incumbida a ele, também é certo que a aventura está relacionada com o desconhecido ou com Tyche, “que deriva do termo tychiano, acontecer” (AGAMBEN, 2018, p. 51). Ela é o acaso ou o destino. É nesse ponto que Ananche e Tyche se encontram de uma maneira muito particular, porque, se a necessidade é representada

por Ananche, é preciso considerar que ela é também a deusa da inevitabilidade, justamente o que coordena o destino, ou Tyche. Assim, como dissemos anteriormente, Ananche é necessidade, mas também destino, ou seja, o inverso de Tyche, que é destino, mas também necessidade. Se, em Tyche, o destino enquanto acaso é incontornável, em Ananche (a necessidade), o que está em jogo é a incontornabilidade do acaso.

Assim, reformular a terminologia era necessidade, mas também uma aventura, ou destino, que rendeu a Saussure, no acaso das suas formulações, a direção, incontornável, para a linguística sincrônica. Houve, então, um deslocamento de Eros, e a linguística histórica deixou de ser prioridade.

CAPÍTULO 5 - LÍNGUA, LINGUAGEM E FALA

Qual é o objeto, ao mesmo tempo integral e concreto da Linguística? A questão é particularmente difícil: veremos mais tarde por quê. (Saussure)

No manuscrito conhecido, em português, como “Essência dupla da linguagem” ou “Ciência da linguagem”, os próprios títulos deixam entrever que não se está diante de uma elaboração saussuriana tal qual se lê no CLG. Na publicação póstuma, há uma clara distinção entre língua, linguagem e fala, colocando a primeira como objeto teórico da linguística. Nesse ponto do nosso trabalho, procuraremos responder qual é a instância desses conceitos no EDL. Embora os títulos denunciem um estado de formulação que não se equipara ao do CLG, talvez as ocasiões de elaboração dos conceitos que apresentamos até agora não fossem indiferentes, para Saussure, a essa distinção entre língua, fala e linguagem, tão complexa e cara à